



BRINCANDO E APRENDENDO: ASPECTOS RELACIONAIS DA CRIANÇA COM AUTISMO¹

Gabriel Vighini Garozzi²
Marcos Ferreira Coelho³
José Francisco Chicon⁴
Ivone Martins de Oliveira⁵

RESUMO

Esta pesquisa objetiva compreender os aspectos relacionais de uma criança com autismo na relação com outras crianças em situações de brincadeiras. Os dados foram registrados por meio de observação participante, videogravação e anotações em diário de campo. O estudo conclui que apesar da criança com autismo mostrar dificuldades na interação social, conseguiu compartilhar brincadeiras com os colegas. Isso pode ser expresso na sua capacidade de autorregulação de suas funções mentais superiores.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo; Interação social; Brincar.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente é notório no contexto escolar, o grande desafio colocado aos professores de encontrar métodos mais propícios a educação da criança com autismo, principalmente pelas dificuldades relacionais que apresentam (ORRÚ, 2007; SIQUEIRA; CHICON, 2016). Especificamente em relação às crianças com deficiência, Vigotski (2007) ressalta que a intervenção pedagógica deve deslocar o foco da deficiência, das limitações da criança para as suas potencialidades, orientando-se para o investimento em ações que promovam a inserção dessa criança em práticas sociais significativas no meio em que está inserida e, entre elas, destacamos o brincar.

Para os autores percussores da abordagem histórico-cultural (VIGOTSKI, 2007; ELKONIN, 1980) o brincar é uma atividade fundamental ao desenvolvimento psíquico da criança, podendo alargar suas possibilidades de agir sobre o mundo, o que seria muito importante no desenvolvimento de crianças com deficiência/autismo.

Nessa direção, se coloca para nós o desafio de estudar os processos relacionais da criança com autismo, guiados pelas questões instigadoras: como se manifesta os aspectos relacionais da criança com autismo com as outras crianças em situações

1 O presente trabalho contou com financiamento do Fundo de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes).

2 Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), gabrielvighini@gmail.com

3 Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), marcosfc_vni@hotmail.com

4 Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), chiconjf@yahoo.com.br

5 Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), ivone.mo@terra.com.br

de brincadeiras? Ela responde com reciprocidade as situações de brincadeiras compartilhadas? Ela interage (brinca) com os colegas?

Diante disso, o presente estudo objetiva compreender os aspectos relacionais de uma criança com autismo na relação com outras crianças em situações de brincadeiras. Para que a partir dessa compreensão, possamos identificar em seu comportamento social, aspectos que podem favorecê-la no encontro com o outro e com os objetos.

2 METODOLOGIA

O estudo se configura numa pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Está orientado para a observação, registro e análise dos episódios do brincar de crianças com e sem autismo no espaço da brinquedoteca, organizada no Laboratório de Educação Física Adaptada do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (LAEFA/CEFD/UFES).

Os participantes do estudo foram quatorze crianças, de ambos os sexos, com idades de quatro a sete anos, sendo dez crianças do Centro de Educação Infantil Criarte/UFES, três com autismo e uma com síndrome de Down, oriundas da comunidade de Vitória-ES. Esses alunos eram atendidos por onze estagiários do Curso de Educação Física, em um encontro semanal, todas as quintas-feiras, das 14 às 15 horas, no período de março a novembro de 2016, totalizando 20 aulas/registros. Durante o atendimento, os estagiários assumiram as seguintes funções: dois atuavam no registro das aulas em videogravação e fotografias e nove na intervenção pedagógica junto aos alunos. Logo após o atendimento, das 15 às 17 horas, era realizada avaliação e planejamento das aulas da semana seguinte.

Para os objetivos deste estudo, previamente, destacamos acompanhar o caso de Jonas,⁶ um dos alunos com autismo participante da pesquisa.⁷

Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados a observação participante, videogravação das sessões e registros em diário de campo.

3 DESCRIÇÕES, RESULTADOS, INTERPRETAÇÕES...

A interação social da criança com autismo na brincadeira

No começo da pesquisa de campo Jonas tinha cinco anos e dez meses e estudava em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de Vitória, ES. Jonas é uma criança com diagnóstico de autismo que participa boa parte do tempo das atividades desenvolvidas com o grupo se acompanhado do estagiário.

Ao longo do processo de intervenção, os estagiários que acompanhavam Jonas e Lucas (aluno com síndrome de Down), perceberam no segundo características potenciais como: protagonismo na aula, gosto em organizar o ambiente, em colaborar na realização de atividades e propô-las, autonomia para agir no meio

6 Para preservar a identidade dos participantes, usaremos nomes fictícios.

7 Este estudo é parte de uma pesquisa mais ampla intitulada: “O brincar da criança com autismo na brinquedoteca: inclusão, mediação pedagógica e linguagem”, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da UFES, conforme a Resolução 196/1996, sob o registro CAAE: 52247615.8.0000.5542.

e preocupação em ajudar os colegas, que poderiam contribuir tanto para o seu desenvolvimento quanto para o de Jonas.

Mediante a essa ideia de unir as duas crianças e de propor um trabalho coletivo com as mesmas, foi possível notar diferentes situações, no qual, Lucas se aproxima de Jonas e procura interagir com o colega na brincadeira. Uma dessas situações pode ser observada no episódio narrado a seguir:

EPISÓDIO 1: BRINCANDO E APRENDENDO COM OS COLEGAS

A atividade em destaque ocorreu em um espaço alternativo que funciona como uma extensão da brinquedoteca, a sala de judô. O episódio narra a interação de Jonas com os colegas em uma situação de jogo tradicional, conhecido pelo nome: “A galinha do vizinho”. Participavam da brincadeira os alunos da Criarte com a presença de Jonas e seu irmão Joaquim, Lucas e oito estagiários. A brincadeira inicia em seu modo tradicional, com as crianças sentadas em círculo e uma delas deslocando em seu entorno, de posse do objeto (bolinha de plástico) que representa o ovo da galinha, enquanto os colegas que estavam na roda, cantavam a música infantil “A galinha do vizinho...”. Percebendo que Lucas não estava mais interessado na brincadeira, o estagiário que o acompanhava deu a ideia para a estagiária que coordenava a aula de convidá-lo para reiniciar o jogo realizando “o papel principal” de colocar o ovo. Lucas tomou posse da bolinha e continuou o jogo deslocando-se na roda enquanto todos cantavam a cantiga “A galinha do vizinho...”. Cabe salientar que, durante a brincadeira, Jonas permanecia sentado no círculo, acompanhado do estagiário, batendo palmas como os colegas e sorrindo, mostrando prazer em participar da atividade. Demonstrando compreender o funcionamento da brincadeira, Lucas deu prosseguimento colocando o ovo atrás de seu colega Jonas. Observamos que Jonas acompanhou o deslocamento de Lucas desde o reinício da brincadeira até se aproximar do lugar em que estava sentado. Tanto que Jonas vê Lucas chegar perto de si e colocar o ovo atrás dele. Jonas pega o objeto, não reagindo no exato momento, mas somente, quando é orientado pelo estagiário a levantar e correr em direção a Lucas na tentativa de boiá-lo. Lucas percebeu que Jonas não apresentou reação no mesmo instante, por isso, ficou parado um tempo na frente do colega esperando sua resposta para continuar a brincadeira. Jonas juntamente com o estagiário levantou e começou a perseguir Lucas. Ele até o alcançou ficando lado a lado, no entanto, não o pegou, por não entender o seu papel e função na situação, demonstrando ainda, falta de compreensão das regras da brincadeira. Percebemos que seu objetivo durante esse momento do jogo era simplesmente o de correr, como se fosse ele a pessoa a ser pega. Ao deslocar correndo em torno da roda, sem preocupação de pegar o seu colega, demonstrou alegria e satisfação pelo ato em si de correr como os outros o faziam. Jonas desviou da direção de Lucas que já tinha conseguido retornar ao seu lugar na roda. Então, orientado pelo estagiário, Jonas voltou para o círculo e entregou a bolinha para a estagiária coordenadora da aula que assim terminou a brincadeira (Diário de campo, 01/09/2016).

No episódio, quando Jonas persegue Lucas e o alcança, ficando lado a lado, mas não o pega, demonstra não compreender as regras da brincadeira, apesar de acompanhar os colegas ficando sentado na roda e batendo palmas durante a cantiga, por incentivo do estagiário. Nota-se que ele se encontra no nível de desenvolvimento potencial, como registrado por Vigotski (2007) em seus estudos, ou seja, ainda não é capaz por si só de realizar a brincadeira com suas regras, necessitando do auxílio de alguém mais experiente para efetivá-la, nesse caso, o estagiário.

Constatamos que a ação mediadora da estagiária coordenadora da aula— ao solicitar o reinício da atividade por parte de uma dessas crianças (Lucas) — e dos

estagiários que as acompanhavam — ao orientá-las em seu agir no jogo, propiciando que a brincadeira acontecesse, foi de grande importância para o processo relacional das mesmas. Concordamos então, que o papel dos estagiários foi fundamental para a ocorrência da interação entre as crianças, provocando avanços no desenvolvimento que não aconteceriam espontaneamente (CHICON, 2013; VIGOTSKI, 2007).

A passagem do episódio em que observamos Jonas permanecendo sentado na roda e interagindo com o grupo ao bater palmas e acompanhar o deslocamento de Lucas por meio do olhar, sugere que Jonas demonstra possuir uma habilidade de Atenção Compartilhada, isto é, uma “[...] capacidade de coordenar a atenção com um parceiro social em relação a um referencial externo — um objeto, um evento ou um símbolo — em uma relação triádica”: um indivíduo, outro indivíduo e o evento (a brincadeira) (CARPENTER; NAGELL; TOMASELLO, 1998, apud ZANON, 2012, p. 12). O que ao nosso ver é indicio forte de ampliação e regulação de suas funções mentais superiores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa experiência do brincar, reafirmamos a importância do papel mediador do professor para o processo de inclusão de crianças público-alvo da Educação Especial nas aulas. Em qualquer ambiente de trabalho, seja escolar ou não escolar, o professor precisa ter um olhar atento e uma escuta sensível a fim de identificar situações na aula que requerem sua atenção e ação, para que possa efetivamente mediar às relações existentes em seu espaço de intervenção com o intuito de transformar essa realidade.

No âmbito dos aspectos relacionais da criança com autismo, o estudo é revelador de que, mesmo tendo como uma de suas principais características a dificuldade na interação social, o trabalho realizado em ambiente social inclusivo, potencializado pela ação mediadora dos adultos e colegas mais experientes, as crianças com autismo conseguem superar sua limitação e apresentar atitudes que apontam sua predisposição para compartilhar brincadeiras com os colegas, como observamos na descrição do episódio citado, em que a atenção compartilhada, a permanência na atividade por longo tempo, o acompanhamento da palma dos colegas no momento da música, o perseguir o colega no momento do pique, são fortes indícios dessa transformação. Esse salto qualitativo que se observa no comportamento de Jonas em relação à brincadeira e na interação com os colegas, pode ser expresso na sua capacidade de autorregulação de suas funções mentais superiores.

JUGANDO Y APRENDIENDO: ASPECTOS RELACIONALES DE LOS NIÑOS CON AUTISMO

RESUMEN: *Esta investigación tiene como objetivo comprender los aspectos relacionales de un niño con autismo en relación con otros niños en situaciones de juego. Los datos fueron recolectados a través de la observación participante, grabación de vídeo y notas en el diario. El estudio concluye que a pesar de el niño con autismo muestran dificultades en la interacción social, podría compartir chistes con colegas. Esto se puede expresar en su capacidad de autorregulación de sus funciones mentales superiores.*

PALABRAS CLAVE: *Autismo; Interacción social; Jugar.*

PLAYING AND LEARNING: RELATIONAL ASPECTS OF THE CHILD WITH AUTISM

ABSTRACT: *This research aims to understand the relational aspects of a child with autism in relation to other children in play situations. The data were recorded through participant observation, video recording and notes in a field diary. The study concludes that despite the child with autism shows difficulties in social interaction, she was able to share jokes with her classmates. This can be expressed in your ability to self-regulate your higher mental functions.*

KEYWORDS: *Autism; Social interaction; Play.*

REFERÊNCIAS

CHICON, José Francisco. **Jogo, mediação pedagógica e inclusão:** um mergulho no brincar. 2. ed. São Paulo: Fontoura, 2013.

ELKONIN, Daniil. **Psicologia Del juego.** Madrid: Visor Libros, 1980.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

ORRÚ, S. E. **Autismo, linguagem e educação:** interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.

SIQUEIRA, M. F.; CHICON, J. F. **Educação Física, autismo e inclusão:** ressignificando a prática pedagógica. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2016.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente.** 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Psicologia e Sociologia).

ZANON, Regina Basso. **Déficit na iniciativa de atenção compartilhada como principal preditor de comprometimento social no transtorno do espectro autismo.** 2012. 105f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.